

APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA DE ALAGOAS

NOTES FOR A HISTORY OF THE HISTORIOGRAPHY OF ALAGOAS

Felipe da Silva Barbosa ¹
felipebarboza41@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de análise a formação do campo historiográfico da história de Alagoas. Para isso, serão analisadas as suas origens, bem como a formação de sua comunidade de pares, a criação e o funcionamento de seu espaço produtor de conhecimento histórico local, e a formação de um *corpus* documental factualmente positivado.

Palavras-chave: Alagoas; História de Alagoas; História da historiografia.

ABSTRACT

This work has as object of analysis the formation of the historiographic field of the history of Alagoas. For this, its origins will be analyzed, as well as the formation of its community of peers, the creation and functioning of its space producing local historical knowledge, and the formation of a documentary corpus that is factually positive.

Keywords: Alagoas; History of Alagoas; history of historiography.

¹ Professor efetivo da Rede Pública Estadual de Alagoas & Professor Substituto do Departamento de História/UFAL.

INTRODUÇÃO

Em 2009, no texto de apresentação para o relançamento da obra de Antônio Joaquim de Moura, o *Opúsculo da descrição geográfica topográfica, física, política e histórica, do que unicamente respeita à Província das Alagoas no Império do Brasil*. Luiz Sávio de Almeida foi categórico: “[...] nunca houve um trabalho de fôlego intentando uma visão da historiografia alagoana e de suas linhas genéticas, o que seria extremamente fértil e talvez uma urgente tarefa coletiva”².

Desde então, apesar do funcionamento de vários cursos de História³ no Estado⁴ e das diversas ações promovidas pelo Governo de Alagoas em torno da história local, inclusive no contexto das comemorações dos *200 Anos de Emancipação Política*, se realizarmos uma breve consulta tanto aos bancos de dissertações e teses desses cursos⁵ como ao portal do bicentenário⁶, ou até ao Google Acadêmico⁷, observaremos que a assertiva de Almeida permanece atual em relação à necessidade de estudos sobre a história da historiografia local.

Cabe destacar que esse *estado de coisas* está definidamente na contramão do crescente movimento de ampliação dos estudos sobre Teoria da História e história da historiografia presente no Brasil desde finais dos anos 1970, com os trabalhos de Rodrigues (2008 [1970], 1978) e Lapa (1985), até os anos 1990, com a publicação de obras coletivas e individuais, como as de Fico e Polito (1992), Cardoso e Vainfas (1997), Odalia (1997), Freitas (1998), Reis (1999), Malerba (2006), Guimarães (2011) e Barros (2011). Há também aqueles que se debruçam diretamente sobre a história da historiografia

² Almeida, L. S. 2009 [1843]. Apresentação. In: Moura, A. J. *Opúsculo da Descrição Geográfica Topográfica, Física, Política e Histórica, do Que Unicamente Respeita à Província das Alagoas no Império do Brasil. Por Hum Brasileiro*. Maceió. Edufal/Cesmac, p.12.

³ Ao longo do texto empregaremos tal palavra em suas três acepções conceituais: em sentido objetivo, história como algo passado, acontecido, vivido (*res gestae*); no sentido subjetivo, história como exposição escrita do acontecido, relato, narração (*rerum gestarum*). In: Rodrigues, J. H. 1978. *A Pesquisa Histórica no Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, p. 25. E História como campo de saber, área de conhecimento, ciência e/ou disciplina. In: Certeau, M. *A Escrita da História*. 2013. Rio de Janeiro, Forense, p.46.

⁴ Disponível In: emec.mec.gov.br/. Acessado em 14/8/18.

⁵ Disponível In: www.repositorio.ufal.br. Acessado em 10/8/19.

⁶ Disponível In: alagoas200.com.br/. Acessado em 14/8/19.

⁷ Disponível In: scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=hist%C3%B3ria+da+historiografia+de+alagoas&btnG=. Acessado em 12/9/2019.

do país por meio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB e suas instituições congêneres, em diversos contextos, entre os séculos XIX e XXI, evidenciando esses espaços como produtores de uma *escrita* singular da história nacional, para além dos reconfortantes e empobrecedores rótulos de reduto da um história *tradicional*, *memorialista*, *acrítica* ou *positivista*. Para citar outros nomes, além dos já mencionados, destacamos Schwarcz (1993), Tavares (2000), Sanchez (2003), Cezar (2004), Hruby (2007) e Silveira (2008), que vêm consolidando uma renovação no campo das pesquisas sobre a elaboração e a reflexão do conhecimento histórico no país.

Tal movimento histórico também pode ser percebido no espaço das universidades com a criação de linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, como as linhas de Teoria da História e Historiografia da UFRGS⁸ e da PUCRJ⁹, na formação de Grupos de Trabalho – GT¹⁰, Laboratórios de Estudos¹¹, na realização de eventos¹², na criação de periódicos¹³, na formação de sociedades especializadas¹⁴, e mais concretamente, a partir da renovação teórico-metodológica na forma como se realizam os estudos historiográficos tanto aqui como fora do país¹⁵.

A comparação entre esses dois cenários de produção historiográfica expõe, como em um *jogo de sete erros*, um conjunto de ausências e diferenciações que, quando lidas a contrapelo, descortinam e suscitam uma série de questões circunscritas tanto ao trabalho de produção do conhecimento histórico científico em Alagoas¹⁶, quanto à história de sua historiografia. Exemplo: como se deu o processo de formalização da escrita da história de Alagoas? Quais eram as condições objetivas para a elaboração desse conhecimento? Que relações de poder se mantiveram inerentes ou não a essa produção? Quem foram e

⁸ Disponível In: <https://www.ufrgs.br/ppghist/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em 22/11/19.

⁹ Disponível In: <http://www.his.puc-rio.br/pos-graduacao/linhas-de-pesquisa/>. Acesso 22/11/19.

¹⁰ Disponível In: <https://anpuh.org.br/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/5429-gt-teoria-da-historia-e-historia-da-historiografia>. Acessado em 22/11/19.

¹¹ Disponível In: lethis.ufes.br/apresenta. Acessado em 14/9/19.

¹² Disponível In: ppgh.ufba.br/encontro-de-teoria-da-historia-e-historia-da-historiografia. Acessado em 14/9/19.

¹³ Disponível In: www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth. Acessado em 14/9/19.

¹⁴ Disponível In: www.sbthh.org.br/pb/. Acessado em 4/9/19.

¹⁵ Hartog, F. 2003. *O Século XIX e a História: o Caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ; Prost, A. 2008. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

¹⁶ Rüsen, J. 2015. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Curitiba, Editora UFPR, p. 60.

quais eram os perfis de formação acadêmico-profissional de seus autores? Quais as suas perspectivas historiográficas e/ou posicionamentos políticos?

Ao enfrentarmos algumas das questões acima, pretendemos, com um método expositivo, sem ataque direto *num mergulho de único fôlego*, circundar e demarcar o campo de origem da pesquisa da história local, expondo como é fundada e quais redes relacionais permitiram o funcionamento do campo historiográfico da história de Alagoas, perfazendo uma história da historiografia local e abrindo espaço para futuros trabalhos nesse sentido. Partiremos da análise do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano – IAGA¹⁷ e tomaremos pontualmente a produção historiográfica contida em seu periódico, a Revista do Instituto Archeologico e Geografico Alagoano – RIAGA, como objeto de análise histórica na transição do século XIX ao XX.

Entre esses dois espaços tanto se afirmaram figuras intelectuais – quase todas homens, cuja vida profissional e engajamento político-social estiveram vinculados, em algum momento, ao Estado, à Igreja ou aos setores privados da sociedade –, como se estabeleceram textos fundadores por suas temáticas, recortes temporais e geográficos, estruturas narrativas e perspectivas político-ideológicas. Ambos, representativos para a composição do quadro geral da intelectualidade alagoana, como também da *escrita* sobre o local, entre os quais podemos citar: a *Chronica do Penedo* de Caratá (1872), primeiro exemplo do estudo da história local no estado; o *Esboço histórico acerca da fundação e desenvolvimento da Imprensa nas Alagoas*¹⁸, de Cabral (1874), que inaugura o tema da imprensa como objeto histórico no estado; e *Noticias sobre os povos indigenas que estacionavam no territorio do actual Estado das Alagoas ou costumavam trazer a suas plagas repetidas correrias*¹⁹, de Jorge (1901), texto que faz uma apresentação geral acerca dos povos indígenas, pautada pelo eurocentrismo e pelas teorias raciais do século XIX.

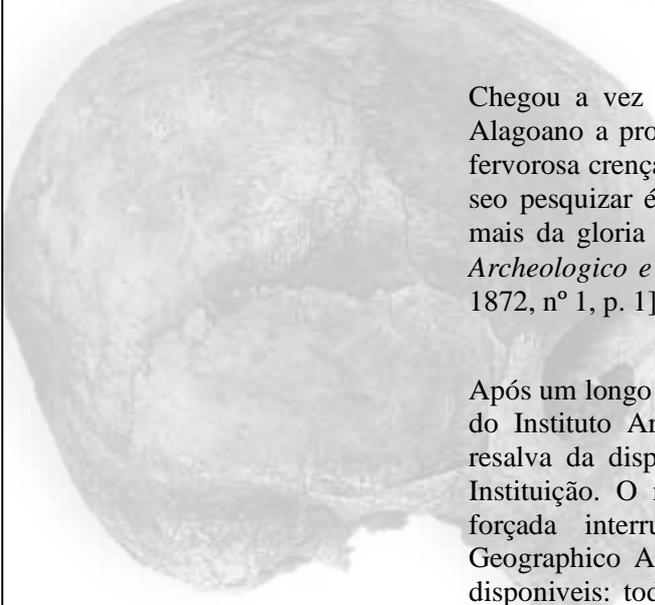
¹⁷ Iremos considerar, quando pertinentes, as autodenominações presentes nas revistas, da seguinte forma: a partir de 2 de dezembro de 1869, Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano – IAGA; Instituto Histórico de Alagoas – IHA, após 1932; e Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL, depois de 27 de fevereiro de 1971.

¹⁸ Cabral, J. F D. 1874. *Esboço histórico acerca da fundação e desenvolvimento da Imprensa nas Alagoas*. In: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. Jornal das Alagoas, dez, n° 5, pp. 99-109.

¹⁹ Jorge, A. A. 1901. *Noticias sobre os povos indigenas que estacionavam no territorio do actual Estado das Alagoas ou costumavam trazer a suas plagas repetidas correrias*. In: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. T. de Menezes & Filho, vol. 3, n° 1, pp. 67-84.

Por outro lado, contraditoriamente, apesar da relevância historiográfica, percebida por meio da força de transmissão e repetição de suas ideias, já que tais textos e autores aparecem e reaparecem reatualizados na produção jornalística, sociológica, geográfica, arqueológica, antropológica e histórica sobre Alagoas, eles ainda permanecem como “ilustres desconhecidos” no próprio lugar de origem²⁰. Algo que de certa forma estamos a combater.

CONTORNANDO UM CAMPO DE PESQUISA



Chegou a vez de cumprir o Instituto Archeologico e Geographico Alagoano a promessa constitutiva de seu programma, o voto de sua fervorosa crença. Se tardio foi em mostrar aos exigentes os fructos de seu pesquisar é que, ao matter-se na alterosa empreza, enamorou-se mais da gloria que da fortuna. [PRELIMINAR. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, 1872, n° 1, p. 1].

Após um longo intervalo de mais de tres lustros, reaparece a Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. Seja dito, em resalva da disposição ao trabalho por parte dos socios de tão util Instituição. O motivo unico a trazer como resultado a lamentavel forçada interrupção da Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano foi a insufficiencia dos recursos pecuniarios disponiveis: todo o esforço, toda a somma de bom vontade, toda a dedicação se manifestaram impotentes de encontro a tão difficultador escolho! [O REAPPARECIMENTO DA REVISTA. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, T. de Menezes & Filho, vol. 3, n° 1, 1901, p. 3].

Acima, temos apresentações comemorativas temporalmente distintas, mas elucidativas quanto às condições objetivas para a produção do conhecimento histórico científico em Alagoas. A primeira remete ao contexto de criação e publicação do primeiro exemplar da RIAGA, que viria a ser a mais longeva do Estado a divulgar conhecimentos históricos e geográficos acerca de Alagoas, desde junho de 1872, quando, sob a alegria da inauguração e o pesar por sua demora, estabelecia contato com o público leitor.

²⁰ Disponível: http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2017/05/ilustres-desconhecidos-marcam-a-historia-de-alagoas-nos-ultimos-200-anos_33980.php. Acessado em 14/8/2019.

Especialmente o provincial local. A segunda refere-se à reaparição da RIAGA, em junho de 1901, após 17 anos de interrupção, quando, por falta de recursos, ficou inativa durante importantes eventos, como a Abolição e a Proclamação da República.

Cabe salientar que a mais longeva Instituição científica e cultural do estado de Alagoas enfrentou diversas dificuldades ao longo de sua história. A começar por seus primeiros 32 anos, quando ficou sem um prédio próprio, onde seria possível melhor guardar, organizar e preservar seus documentos, bem como acomodar sua biblioteca, exibir seus periódicos e expor suas doações, ou organizar reuniões e fixar um local para visitação e compra de seus exemplares. Isso levou a agremiação a deslocar-se por vezes entre prédios alugados para manter suas atividades²¹.

Outro fato prejudicial à “casa” foi a falta de um prelo ou gráfica próprios durante 127 anos, ou seja, durante todo o período de existência da RIAGA. Essa condição impediu a organização e o barateamento das impressões de seu periódico, reduzindo a autonomia e o controle sobre essa fase do processo de confecção. Tal estado de coisas gerou a alternância entre locais de impressão, algo notado nas referências das revistas e que provavelmente influenciou nos erros da impressão da revista, a exemplo dos de numeração e grafia²².

Contudo, nenhum dos problemas citados acima foi tão impactante quanto a instabilidade de recursos financeiros. A origem desse problema advinha das insuficientes doações de seus sócios ou do descontínuo financiamento por parte dos governos do Estado ao longo dos anos²³. Isso dificultou a “vida” da agremiação, refletindo-se na produção da história e dos demais campos de conhecimentos sobre Alagoas. Diferentemente das instituições públicas, como os Liceus e o gabinete de leitura, além das demais instituições educacionais do XX, a condição de instituição privada do IAGA não lhe garantia insumos mínimos para sua manutenção.

²¹ SÍNTESE DA VIDA DA REVISTA DO INSTITUTO. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A. vol. 29, 1972, p. 94.

²² SÍNTESE DA VIDA DA REVISTA DO INSTITUTO. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A. vol. 29, 1972, p. 93.

²³ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. T. de Menezes & Filho, n° 1, vol. 3, 1901, pp. 2-27.

Tais informações nos ajudam a contextualizar e refletir acerca das condições objetivas e das necessidades inerentes à produção do conhecimento histórico-científico em Alagoas nas últimas três décadas do período imperial e nos anos iniciais da República, além de revelar fatores que determinaram a descontinuidade das publicações, como o abrir e fechar de portas da instituição, condicionando o discurso de sócios, secretários e presidentes. Apesar disso, nas ocasiões comemorativas, tanto Francisco Dias Cabral, primeiro secretário-perpétuo, como Adriano Araújo Jorge, primeiro presidente do IAGA durante a República, atribuem as dificuldades a imprevisíveis infortúnios, procurando demonstrar perante os leitores que a vontade e o empenho sempre estiveram presentes entre seus associados.

Portanto, o caráter atenuado dos pronunciamentos, quando refletido à luz da história da própria instituição, parece advir da submissão de seus sócios aos diversos vínculos de dependência e respeito aos quais (in)conscientemente estavam submetidos, dada a importante e prestigiada instituição que os resguardava. Em seus discursos, narrativa factual e linear capaz de conferir-lhes *status* e autoridade ao serem realizados, esses autores participam de discussões em diversos momentos, dialogando com autores nacionais e internacionais. Portanto, as citações acima são representações escritas de *personas*²⁴ responsáveis por elaborar idealizações acerca do *espaço alagoano*, materializadas nas páginas de seu veículo de representação político-ideológica, inicialmente publicadas semestralmente²⁵, realizando o intuito científico ou seu alinhamento com os ditames da ciência da época e revestindo-se em *discurso competente*, não havendo assim lugar para a autocrítica aberta e direta.

Apesar da produção circunscrita aos Liceus em Alagoas, a exemplo do de Maceió, fundando em 5 de maio de 1849, cujos professores produziam obras didáticas para seus

²⁴ Em latim, *persona* é a máscara que se usava no teatro para representar a personagem. Daí decorre a noção de pessoa como máscara social, que a ciência social moderna resgata como função ou categoria da representação no espaço da sociedade. O indivíduo é dotado de personalidade, isto é, de uma máscara social, que pode ao longo da vida social constituir uma permanência ou um fator de ruptura e criatividade. Lindoso, D. 2005. *A Interpretação da Província: Estudos da Cultura Alagoana*. Maceió, Edufal, p. 30.

²⁵ Apesar dessa informação concedida pelo secretário perpétuo João Francisco Dias Cabral, na sala das sessões do IAGA a 2 de dezembro de 1873. In: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 4, 1874, p. 90. A partir de 1877, a periodicidade da Revista tornou-se irregular.

estudantes²⁶, a História, assim como outras áreas de conhecimento, *em* e acerca de Alagoas, encontra-se assentada sobre o trabalho de criação material, e ligada à produção histórico-narrativa estabelecida e sedimentada pelos autores que ocuparam as cadeiras do IAGA, nos séculos XIX e XX. Seja na tentativa de criticá-la, afastando-se de semelhantes abordagens e matrizes interpretativas, seja visando reafirmá-la.

Tais artífices são responsáveis por reunir, coligar e guardar documentação histórica, bem como por inaugurar e canonizar temas, tradições, paisagens, periodizações, interpretações, imagens, textos, livros, mapas, estereótipos, práticas e personagens até hoje debatidos, acerca de acontecimentos fundamentais para o entendimento e a definição da história da sociedade e do território que, ao longo do tempo, e graças à continuidade de sua atividade, tornou-se, cada vez mais, convencionalmente, alagoano.

Essas ações engendraram processos histórico-sociais de produção simbólica que aos poucos encobririam virtualmente, como que com um manto de signos e significados, o espaço territorial conhecido e desconhecido, por vezes não definido precisamente²⁷, produzindo artificialmente uma naturalização desse espaço e de várias realidades nele existentes, por meio da criação de correspondências, semelhanças e similitudes entre a produção material e cultural simbólica sobre um suposto território definido *a priori*, dotando-o de sentido real e histórico.

Faz-se necessário agora narrar e analisar as origens de tal processo, a fim de compreendê-lo.

CONTRIBUIÇÕES PARA HISTÓRIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS

Após o desembarque da corte portuguesa em terras “brasileiras” em 1808, o século XIX assistirá ao estabelecimento e à reestruturação de espaços destinados à pesquisa e à produção de conhecimento, simbolizando um momento *sui generis* para o

²⁶ Marques da Silva, E.; Conceição dos Santos, R. M. 2008. *A Institucionalização do Ensino Secundário no Império em Alagoas – O Percurso do Liceu Provincial (1849-1900)*. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Pedagogia, Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

²⁷ Por exemplo, observam-se desde a primeira obra sobre a geografia local as indefinições quanto aos limites da Província de Alagoas. In: Espíndola, T. B. 2001 [1871]. *Geografia alagoana, ou Descrição física, política e histórica da Província das Alagoas*. Maceió, Edições Catavento, p. 21.

início da pesquisa histórica e a produção do conhecimento histórico científico, sobretudo após a independência política da antiga colônia. Esse processo pode ser entendido em um duplo movimento: enquanto conjunto de ações incentivadas por elites locais a fim de obter poder e legitimidade sobre tal território, como se verá depois, mas também como inserido no contexto da formalização de outras ciências, como ocorrido em reinos da Europa nos séculos XVIII e XIX²⁸, chegando ao Brasil em seu período imperial, embora não se limitando a ele.

No que tange à criação dos espaços para a produção do conhecimento histórico científico no país, tal processo pode ser observado com a criação e o estabelecimento dos Institutos Históricos e Geográficos de maneira diversa e em todo o país²⁹. Estabelecimentos cuja função principal será a criação daquilo que se convencionou chamar de *história oficial*, que, aos olhos dos representantes do Estado, seria um dos critérios importantes para a efetivação da ideia de nação sobre o novo país³⁰. Devido a essa necessidade conjuntural, será iniciado em 21 de outubro de 1838³¹ o processo que culminará com a fundação do IHGB, na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, e posteriormente, das instituições congêneres em diversas localidades do Império. Estas acabaram destinando o maior volume de sua produção a interpretações dos feitos locais³², afirmando uma história comum e moldando a ideia de um *todo* nacional.

É a partir de tais pressupostos que a Província de Alagoas começará a ser pensada mais sistemática e historiograficamente inserida no referido processo, mediante a fundação do IAGA, na capital Maceió, a 2 de dezembro de 1869³³, tornando-se o quarto Instituto do país, terceiro entre os institutos locais e segundo na ordem regional. Antecedido pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS,

²⁸ Bourdé, G.; Martin, H. 1983. *As Escolas Históricas*. Lisboa, Europa-América.

²⁹ Tavares, G. G. 2000. *A Trajetória de Uma “Casa de Saber”*: O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1930-1970). Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, pp. 25-26.

³⁰ Hobsbawm, E. 1990. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 49.

³¹ Callari, C. R. 2001. *Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à Construção do Tiradentes*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n° 40, pp. 59-83.

³² Schwarcz, L. M. 1993. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo, Cia das Letras, pp. 117-140.

³³ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió: Jornal das Alagoas, n° 1, 1872, p. 7.

fundado em 1860, mas extinto em 1863, devido à Guerra do Paraguai³⁴, e só reinaugurado em 1920³⁵; e pelo Instituto Archeologico Geografico Pernambucano – IAGP, fundado no Recife, a 28 de janeiro de 1862³⁶.

Segundo consta na *Ata da Sessão de Instalação*, assinada por Manuel Claudino de A. Jaime, segundo-secretário do IAGA, às cinco horas da tarde, no antigo Palácio do Governo da Província – localizado próximo à atual Praça dos Palmares, no centro de Maceió –, a convite de José Bento da Cunha Figueiredo Junior, o então Presidente da Província, estavam reunidos em sua companhia 25 dos 26 sócios fundadores³⁷, os quais eram: treze *doutores*³⁸, dois professores, dois negociantes, dois chefes de secção, dois majores, um vigário, um padre, um inspetor³⁹ e um engenheiro, com o objetivo de fundar a referida agremiação, orientados pelo Estatuto do IAGP⁴⁰.

Eleitos os membros da *Mesa Administrativa*, nomeados seus secretários e aclamado seu presidente interino, o conselheiro Silvério Fernandes de Araújo Jorge⁴¹, a sessão de instalação teve início às oito horas da noite. Todavia, os estatutos terão seus artigos lidos, revisados e aprovados na primeira *Sessão da Assembleia Geral*, a 18 de fevereiro de 1870⁴². A partir do estatuto, percebemos a montagem de uma estrutura hierárquica e a formação de uma comunidade de pares composta por uma elite letrada e privilegiada socialmente. Cabe lembrar que em 1872, de acordo com o primeiro censo demográfico do Brasil, a população de Alagoas era de 348.009 pessoas, distribuídas por

³⁴ Disponível em: www.ihgrgs.org.br/. Acessado em 12/8/18.

³⁵ Silveira, D. O. 2008. “*O Passado Está Prenhe do Futuro*”: A Escrita da História no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30). (Dissertação Mestrado História), Porto Alegre, 2008.

³⁶ Schwarcz, L. M. 1993. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo, Cia das Letras, p. 117.

³⁷ O vigésimo sexto sócio, José Antonio de Magalhães Basto, segundo consta na mesma documentação, não pôde comparecer por motivo de saúde. In: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió: Jornal das Alagoas, n° 1, 1872, p. 7.

³⁸ Entende-se *doutor* como uma expressão de época. Talvez fossem apenas bacharéis.

³⁹ Suspeitamos que fosse Inspetor de Polícia, contudo, tal suposição não consta nas atas de instalação.

⁴⁰ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 1, 1872, p. 7.

⁴¹ Ele dará lugar a Roberto Calheiros de Melo, segundo-presidente, em 2 de dezembro de 1872. In: Melo, A. C.; Silva, F. M.; Altavila, J. L. 2008. *Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: Dados Históricos*. Maceió, Imprensa Oficial, pp. 33-35-36.

⁴² *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 1, 1872, pp. 9-11.

19 municípios; apenas 41.913 sabiam ler e escrever, o equivalente a 12,4% da população⁴³.

No sentido organizacional, a “casa alagoana” preservou-se semelhante à instituição carioca⁴⁴. Distribuída por *Sócios efetivos*, esses poderiam vir a ocupar cargos como o de presidente, primeiro ou segundo vice-presidente, secretário perpétuo, segundo-secretário ou secretário adjunto, tesoureiro, vice-tesoureiro, orador ou vice-orador⁴⁵. Exigia-se obrigatoriamente residência na capital. Em caso de mudança para outra região, poderiam tornar-se *Sócios correspondentes*, passando o cargo a um terceiro. A condição de correspondente permitia ao associado estabelecer-se fora da capital, possibilitando informar e assessorar a “casa” em outras regiões, como fez o correspondente Nicodemos Jobim ao saber da descoberta de um sítio arqueológico no município de Anadia, local onde residia⁴⁶.

Ao longo de sua história, o Instituto somou 1.014 sócios⁴⁷. Desde muito cedo, exibia em sua revista o número de associados espalhados pelo país e pelo estrangeiro⁴⁸; no entanto, a soma não corresponde ao volume de artigos publicados. Tal descompasso permite intuir sobre um perfil de atuação científica desse grêmio e afirmar que para alguns de seus sócios, o mero pertencimento à instituição lhes renderia certo reconhecimento social, enquanto o trabalho árduo da atividade científica seria exercício de poucos.

Entre o total de seus sócios, aproximadamente metade dos *sócios efetivos* foi obtida nas suas três primeiras décadas de existência, majoritariamente durante o Império. Em todo o século XX não conseguirá bater esse feito. Por outro lado, foi durante a República que o número de *sócios correspondentes* aumentou de modo significativo. A modificação desse quadro deve-se no mínimo a dois fatores: primeiro, à diáspora de

⁴³ RECENSEAMENTO DO BRAZIL EM 1872 – ALAGÔAS. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger e Filhos, vol. 1, 1876, p. 85.

⁴⁴ Schwarcz, L. M. 1993. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo, Cia das Letras, p. 104.

⁴⁵ Melo, A. C.; Silva, F. M.; Altavila, J. L. 2008. *Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: Dados Históricos*, Maceió, Imprensa Oficial, pp. 79-90.

⁴⁶ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ do Jornal das Alagoas, n° 6, Jun., 1875, pp. 159-163.

⁴⁷ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 1, 1872, pp. 97-127.

⁴⁸ *Revista do Instituto Histórico de Alagoas*. Maceió, vol. 27, 1951/52/53, pp. 155-159.

intelectuais residentes em Maceió para regiões como o Centro-Oeste do país, na busca por melhores condições de vida⁴⁹, tornando-se assim *correspondentes*; e segundo, o aparecimento de outros espaços institucionais onde um novo perfil de pesquisador ou intelectual poderia fazer a vida e seguir carreira, obtendo igual ou superior prestígio.

Entretanto, mesmo com a diminuição de *sócios efetivos* no século XX, as novas gerações de associados, compostas por autores como Moreno Brandão⁵⁰, Craveiro Costa⁵¹, Theo Brandão⁵², Jayme de Altavila⁵³, Abelardo Duarte⁵⁴, Manuel Diéguas Júnior⁵⁵, Dirceu Lindoso⁵⁶, Douglas Apratto Tenório⁵⁷, Luiz Sávio de Almeida⁵⁸ etc., terão papel decisivo na consolidação da historiografia moderna acerca de Alagoas, produzindo obras de referência nesse segmento, além de atuarem como atores fundamentais em processos de criação e ampliação de novos espaços institucionais voltados à pesquisa e à produção de conhecimentos ligados às áreas das *letras* e das ciências humanas em Alagoas, como, por exemplo, a Academia Alagoana de Letras, fundada em 1º de novembro de 1919⁵⁹, a Faculdade de Direito de Maceió, em 25 de fevereiro de 1933⁶⁰, a Universidade federal de Alagoas – UFAL, em 25 de janeiro de 1961, e o Museu Theo Brandão de Antropologia e Folclore – MTB, em 20 de agosto de 1975⁶¹. Todos darão continuidade às relações interpessoais concernentes ao Instituto Histórico e Geográfico local.

⁴⁹ Costa, A. C. L. *Maceió Medúscica: uma Interpretação Histórica das Imagens da Diáspora de Intelectuais Alagoanos na Literatura – 1930-1940*. Maceió, Edufal, 2015.

⁵⁰ Brandão, M. 1909. *História de Alagoas*. Maceió, Typ e Pautação J. Amorim.

⁵¹ Costa, C. 1983 [1929]. *História das Alagoas: Resumo Didático*. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A.

⁵² Brandão, T. 2007 [1953]. *O Reisado Alagoano*. Maceió, Edufal.

⁵³ Altavila, J. 1976 [1933]. *História da Civilização das Alagoas*. 6. ed. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A.

⁵⁴ Duarte, A. 2010 [1974]. *Folclore Negro das Alagoas. Áreas da Cana-de-Açúcar: Pesquisa e Interpretação*. Maceió, Edufal.

⁵⁵ Diéguas Júnior, M. 2012 [1949]. *O Banguê nas Alagoas: Traços da Influência do Sistema Econômico do Engenho de Açúcar na Vida e na Cultura Regional*. Maceió, Edufal.

⁵⁶ Lindoso, D. 1983. *A Utopia Armada: Rebeliões de Pobres nas Matas do Tombo Real*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

⁵⁷ Tenório, D. A. 2009. *Metamorfose das Oligarquias*. Maceió, Edufal.

⁵⁸ Almeida, L. S. 1999. *Os Índios nas Falas e Relatórios Provinciais das Alagoas*. Maceió, Edufal.

⁵⁹ Disponível In: www.aal.al.org.br/expediente/presidentes.htm. Acessado em 12/8/2018.

⁶⁰ Disponível In: pt.wikipedia.org/wiki/Faculdade_de_Direito_de_Alagoas. (12/8/18).

⁶¹ Criado originalmente na casa nº 3 do *Campus* Tamandaré, no Pontal da Barra, em 20 de agosto de 1975, para abrigar a coleção de arte popular doada à Universidade Federal de Alagoas pelo professor e folclorista Theo Brandão. Em 1977, por ocasião da 5ª Festa do Folclore Brasileiro, realizada em Maceió, teve sua

Todavia, a relação de prestígio entre o Instituto e a figura do associado não se efetivava unilateralmente. Pode-se observar o *outro lado da moeda* com o caso dos *Sócios honorários* e *Sócios Beneméritos*. Tal condição seria concedida a pessoas cujo enorme valor enalteceria a agremiação. Alguém como o ex-presidente da província, o Barão Villa-Bella, que então presidia o Instituto Pernambucano⁶². Fomentando a boa relação entre as instituições congêneres, reforçada em nota de pesar na ocasião do seu falecimento quase dois anos depois⁶³. Depreende-se que, a depender da figura do associado à instituição, esta era valorizada e poderia beneficiar-se ao estabelecer boas relações com outras autoridades.

A proximidade com o Estado, com grandes empresas e autoridades será uma das marcas da agremiação, e a relação com o poder sustentará sua existência, praticada de várias maneiras em diversos momentos e esferas. No âmbito das relações com o governo local, representado no vínculo com o corpo administrativo da assembleia provincial, isso pode ser observado na seguinte passagem:

O Snr. Dr. Olympio trouxe ao conhecimento dos membros presentes que a Assembléa Legislativa desta provincia ao encerrar seus trabalhos, no corrente anno, votára uma consignação de dous contos de réis para auxiliar as despesas do Instituto. Esta communicação foi recebida com especial agrado, mandando-se inserir na presente acta tal declaração, como um voto de gratidão e reconhecimento á Assembléa Provincial. [*Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, nº 1, 1872, p. 14].

E ainda, na pretendida proximidade com o poder político máximo do Império, representado na pessoa do imperador D. Pedro II, nos momentos de alegria:

O Snr. vigário Duarte indicou que se dirigisse uma felicitação a S. M. o Imperador pela feliz terminação da guerra do Paraguay. Esta indicação foi approvada por unanimidade de votos, assentando-se em nomear os representantes desta provincia para apresentar a felicitação a S. M. [...].

coleção transferida para atual sede. In: www.ufal.edu.br/extensao/equipamentos-culturais/museus/museu-theo-brandao (14/8/18).

⁶² *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. de T. de Menezes, nº 10, dez., 1877, p. 301.

⁶³ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. de T. Menezes, vol. 2, nº 14, dez., 1879, p. 131.

[*Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 1, 1872, p. 12].

Do mesmo modo, em momentos de tristeza, quando “[...] o Snr. Cônego Duarte indica que o Instituto leve a presença de S. M. o Imperador a manifestação de suas sinceras condolencias pelo prematuro passamento de sua augusta filha – a Princesa D. Leopoldina”⁶⁴.

Essa relação de afinidade será perpetuada para além do período imperial; basta considerar, por exemplo, a inserção de alguns de seus associados no Conselho Estadual de Cultura do Estado, durante o governo Afrânio Lages, na década de 1970⁶⁵, ou, antes disso, na mensagem enviada ao Presidente Getúlio Vargas, em 1951, para que deliberasse em favor do povo alagoano:

Como ontem, ao ver incidir sobre os seus legítimos direitos uma opinião injusta e ocasional, o nosso Estado sente que, agora, da mesma forma, recai sobre si a injustiça mais clamorosa na distribuição do quillowatt de Paulo Afonso. Injustiça que, devemos repetir, começou na escolha do ponto de desembarque do material destinado as obras da Hidrelétrica do São Francisco, desprezando-se as conveniências geográficas e as razões históricas [...]. [*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A., vol. 30, 1973, p. 202].

Sobre outro aspecto, ao consultarmos o demonstrativo do movimento financeiro da Instituição no biênio 1987/1988⁶⁶, veremos a renda adquirida pela Instituição mediante doações do Sindicato da Indústria do Açúcar, de particulares, ou de joias no momento das admissões, de vendas de livro, revistas, visitas ao seu Museu e dos principais colaboradores financeiros, os *Sócios Beneméritos Especiais*; estes contabilizam 21

⁶⁴ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 2, 1873, p. 13.

⁶⁵ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A., vol. 30, 1973, p. 216.

⁶⁶ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, vol. 41, 1986-88, p. 332.

peças jurídicas, das quais sete estavam diretamente ligadas a um dos principais setores econômicos de Alagoas, o agroaçucareiro⁶⁷.

Essas ações demonstram quão grande e importante essa entidade se pretendia, deixando evidente que seus associados buscaram afirmá-la interna e externamente através de redes de sociabilidade ligadas a diversos setores da sociedade. Isso viabilizou a sustentação da agremiação durante anos e o estabelecimento de um lugar para Alagoas como objeto de pesquisa na História e Geografia do país.

O próprio *corpus* que constitui esse estabelecimento reforça a especificidade de seu poder e importância; em maioria, são provenientes de setores mais abastados da sociedade. Significa dizer que tal ofício esteve reservado a um seleto grupo cujo caráter formativo e performático passará intrinsecamente por sua relação com o mando. Esse fator será o solo sobre o qual se sustentarão as redes de relações entre os associados, constituindo a condição básica para a escrita da História local em Alagoas. Contudo, esses homens e mulheres de influência social não estarão sozinhos nem “desarmados” no estabelecimento de suas interpretações, porquanto terão um instrumento específico a seu dispor.

UM PERIÓDICO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA: A REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS

Em sua fase inicial, o principal veículo de divulgação do conhecimento histórico científico e de representação político-ideológica do IAGA esteve inserido, provisoriamente, nas colunas do jornal *União Liberal*⁶⁸, jornal dos dissidentes do Partido Liberal em Alagoas, a fim de publicar sua produção até que sua Revista fosse

⁶⁷ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, vol. 41, 1986-88, p. 346.

⁶⁸ Este jornal surge em 12 de abril de 1869 com publicações até 1884, tendo à frente o futuro visconde de Sinimbu, fundador do então Partido Liberal em Alagoas. Fato curioso é que as publicações desse período coexistem aos 15 anos de funcionamento do IAGA em sua fase imperial (1869 a 1884). É possível supor que o IAGA mantinha certa simpatia pelo Partido Liberal. In: SANT'ANA (de), Moacir Medeiros. *História da Imprensa em Alagoas*. Maceió, Arquivo Público de Alagoas, 1987, p. 131.

autonomamente confeccionada e oferecida à venda na residência de um dos sócios⁶⁹, passando a se fixar na secretaria, após o estabelecimento de sua sede⁷⁰.

Mesmo depois de publicada sua Revista, não lhe faltou espaço nas páginas de outro jornal local, como se observa abaixo:

Dois ofícios do snr. Tertuliano Telles de Menezes e Silva, director e proprietario do *Jornal das Alagoas*, oferecendoá casa uma assignatura do mesmo jornal, cujas columnas põe á sua disposição para publicação de seu expediente, e de quaesquer outros trabalhos oferecidos ou apresentados. Manda-se agradecer a generosa espontaneidade dos oferecimentos. [*Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, *Jornal das Alagoas*, n° 2, 1873, p. 60].

A divulgação de seus textos por meio de jornais da capital possibilitaria à recém-fundada instituição maior alcance e popularização das discussões promovidas internamente por seus ideólogos. A produção gráfica comporia lugar importante nas disputas políticas e nas mobilizações sociais na província, servindo como instrumento nas representações políticas e de identidades em Maceió⁷¹. Possivelmente, seria esse um dos aspectos que justificariam a “generosa espontaneidade” do oferecimento apresentado acima.

Independentemente da forma como as informações da agremiação fossem recebidas, interpretadas e ressignificadas por cada leitor, via jornais ou revistas, elas serão periodicamente disseminadas por diversas camadas sociais, já que seu valor enquanto ideia-força acerca do passado local também estaria sujeito à chancela e à aceitação de um público diferenciado. As idealizações desses letrados não poderiam encerrar-se em si mesmas e inevitavelmente se popularizariam em publicações subsequentes, referências bibliográficas e obras direcionadas à história de Alagoas, ou mesmo em livros didáticos, permitindo a sua continuidade e reatualização.

⁶⁹ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, *Jornal das Alagoas*, n° 1, 1872, p. 8.

⁷⁰ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. de Menezes & Filho, dez., vol. 2, n° 12, 1880, p. 74.

⁷¹ MACIEL, O. B. A. 2004. *Filhos do Trabalho, Apóstolos do Socialismo: Os Tipógrafos e a Construção de uma Identidade de Classe em Maceió (1895/1905)*. Dissertação de Mestrado, História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, pp. 52-57.

A confecção da Revista demonstra a autonomia de sua instituição na definição das normas de sua produção, nos critérios de avaliação de seus produtores, na capacidade para retraduzir e reinterpretar todas as determinações externas de acordo com seus princípios próprios de funcionamento⁷². O IAGA, na condição de representante da dita história nacional, mas voltado aos feitos locais, precisou desenvolver um modo próprio de enunciar, produzir e operar. Sua forma e aparência refletem as práticas políticas desenvolvidas pelos sócios e/ou sua diretoria, observada no número de trabalhos publicados, nas transcrições de documentos, nos pronunciamentos, na inserção de seções especiais⁷³ e na exibição de suas atividades internas por meio das atas, permitindo-nos a “reconstrução” de suas atividades.

Contudo, quaisquer variações não impedem que busquemos os aspectos estruturantes dessas fontes, cabendo assinalar que as delimitações contidas na estrutura não estão desconexas e não serão modificados ao longo de toda a sua produção, mesmo ocorrendo eventuais variações ao longo de suas publicações⁷⁴. Ocupando as primeiras páginas estariam os *Artigos*, apesar da comissão específica que lidava com a edição e a revisão da Revista⁷⁵, além, é claro, da exigência temática que o próprio caráter da instituição postulava.

Não registramos grandes exigências numéricas e estilísticas, ou mesmo restrições, para a confecção e publicação dos artigos. Eles poderiam variar entre uma publicação de três laudas divididas em duas colunas⁷⁶ e um memorial que chegaria a estender-se por cinco publicações⁷⁷.

⁷² Bourdieu, P. 2007. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, p. 106.

⁷³ A seção epistolário é um exemplo, pois esse seria um espaço dedicado a expor as correspondências dos sócios antigos.

⁷⁴ Referimo-nos à seção Ordem do Dia e Necrologia, que variara em seu aparecimento. In: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Oficinas Fonseca, Jun., vol. 4, n° 2, 1907, pp. 99-100.

⁷⁵ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 1, 1872, p. 9.

⁷⁶ Fonseca, J. S. 1876. “Origem de Alguns Nomes Patronimicos da Provincia das Alagoas”. In: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, n° 8, pp. 197-199.

⁷⁷ Leite e Oiticica. 1915. “Memorial Biographico do Commendador José Rodrigues Leite Pitanga – Primeiro Período (1822-1832)”. In: *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. da Livraria Fonseca, vol. 6, pp. 140-204.

O importante seria o trabalho em si, onde figurariam as idealizações chanceladas por sua comunidade, um dos meios de afirmação social do sujeito que o redigia. Em síntese, estar presente e/ou atuando nesse espaço de discussão e divulgação de ideias seria uma necessidade constitutiva da *performance* desses autores, pois a publicação de trabalhos e/ou a dedicação à agremiação garantia mérito e possível ascensão na hierarquia interna. Um exemplo é o caso de Jayme de Altavila (Anfilóbio Jayme de Altavila Melo) e seu filho, Jayme Lustosa de Altavila, que galgaram posições até chegarem à presidência do Instituto⁷⁸.

Englobando as demais seções, podemos dizer que a “outra parte” da Revista seriam as *Atas de Sessões*. Há nelas o registro dos momentos vivenciados internamente pelos associados. O registro das *Atas* é algo mais que uma atividade corriqueira, daí a pompa, a exaltação e a erudição, colocadas como elementos retóricos em destaque, trazendo em sua composição elementos que remetem a questões contidas em outras fontes e a exigirem um trato atento e cauteloso.

O vocábulo *sessão* deriva do termo latino *sessio*, que significa: sentar-se, cadeira⁷⁹. Refere-se, portanto, ao espaço de tempo em que acontece uma reunião deliberativa, uma assembleia. Momento excepcional, no qual os *homens das letras*, e posteriormente os *homens de ciência*, sentam para ouvir e falar. Consta, ali, o funcionamento interno da agremiação. Atividades ordinárias, tais como: registros de admissões de sócios, votações, comunicados, pronunciamentos, sugestões de temas, leitura de pautas, recebimentos, considerações dos artigos publicados etc. Esse será o melhor lugar para a observação das práticas ritualistas e, nelas, suas idealizações de forma coletiva.

Começamos pelo *Expediente*. Nesse espaço há informações de ordem peculiar: os motivos do não comparecimento dos sócios⁸⁰, os avisos da mudança de sócios para firmar

⁷⁸ Melo, A. C.; Silva, F. M.; Altavila, J. L. 2008. *Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: Dados Históricos*. Maceió, Imprensa Oficial, pp. 51-53; 59-60.

⁷⁹ Disponível In: www.significados.com.br/secao-e-sessao/ Acessado em 25/9/2019.

⁸⁰ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Jun., nº 8, 1876, p. 214.

residência em outras localidades⁸¹, convites a cerimoniais⁸², a comunicação e as relações de troca com outras instituições e/ou autoridades, e também a prestação de contas⁸³.

Nos *Oferecimentos*, após a análise das doações recebidas, pode-se perceber como poderia ser agradável aos representantes as articulações estabelecidas com os demais estabelecimentos nacionais e internacionais:

[...] Pelo Corpo de Engenheiros de Minas do Peru os seus boletins de n.º 20, 22 e 23 de 1903. Pela Sociedade Geographica de Lima o Boletim do 2º trimestre de 1904. Pela Secretaria de Agricultura da Bahia o respectivo Boletim de janeiro e março deste anno. Pela Directoria do Museu Paulista a sua *Revista* (vol. VI, anno 1904). Pelo Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte a sua *Revista* (vol. 3.º n.º 1 Janeiro de 1905). Pela respectiva Directoria – O Archivo – *revista* destinada à vulgarisação de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso (vol. 3º de maio de 1905). Pelo Estado Maior do Exército a Revista Militar (nº 5, de maio de 1905). Pela Secretaria do Interior deste Estado um exemplar da mensagem do presidente da Republica, apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa deste anno. [*Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, vol. 5, nº 1, 1913, pp. 80-81].

Essas articulações eram importantes, pois se referem à aquisição e à formação de um patrimônio científico-cultural materializado em espaço num patrimônio físico, composto por biblioteca, hemeroteca, mapoteca, pinacoteca, museu histórico, etnográfico e arqueológico. Adquiridos, em grande parte, por meio dos *oferecimentos*⁸⁴ e mantidos por meio das articulações de seus associados, angariam recursos e financiamentos para proveito da instituição. Um painel contido na Revista nº 56, no ano de 1928, registra o número de 5.540 obras nacionais e internacionais pertencentes à biblioteca da

⁸¹ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Jun., nº 8, 1876, p. 218.

⁸² *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Jun., nº 8, 1876, p. 208.

⁸³ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Jun., nº 8, 1876, p. 210.

⁸⁴ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Jun., nº 8, 1876, p. 212.

Instituição⁸⁵; nele, não é possível identificar os títulos das obras, mas apenas o idioma em que foram redigidas.

As publicações de língua portuguesa contabilizam 4.639 trabalhos. A língua francesa é a que predomina entre as demais, com 476 livros, seguida pela língua espanhola, terceiro idioma, com 187 obras. O aparecimento da língua inglesa na quarta posição, com apenas 105 textos, corresponde à afirmação, no tocante à transição dos séculos XIX e XX, de que “[...] enquanto a Inglaterra conseguia garantir predominância econômica no Brasil, a França fornecia, com sua cultura e civilização, os critérios de gosto”⁸⁶.

Outro elemento relevante refere-se à separação e à catalogação das obras. História e a Geografia não aparecem como campos de saber autônomos separadamente, dificultando o conhecimento quantitativo sobre cada uma delas e sugerindo uma indefinição no entendimento das singularidades desses campos de saber, entendidos ainda como ciências irmãs. Supõe-se que o segundo item, Administração, seria composto por documentação eclesiástica e estatal⁸⁷, deixando os associados à frente no conhecimento de questões relativas aos projetos políticos e sociais sobre o estado da sociedade local, por exemplo, como a escravidão negra, presente em “um officio do exm. primeiro vice-presidente da provincia – remetendo um exemplar do parecer da camara dos deputados acerca do projecto do governo – sobre a abolição do elemento servil”⁸⁸. Ou a situação dos aldeamentos indígenas, como se observa em outro ofício, “[...] sobre as aldeias de índios, informações do snr. Jose Lopes Rosa”⁸⁹.

Apensar da diversidade temática, não constarão nesse levantamento áreas como Antropologia, Etnografia ou Arqueologia. A inexistência de descrição pode significar o desinteresse acerca desses campos de saber, prejudicando o conhecimento sobre questões

⁸⁵ *Revista Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Oficinas Graphicas da Livraria Machado – Jaraguá, vol. 13, nº 56, 1928, p. 327.

⁸⁶ Guimaraes, M. L. S. 2011. *Historiografia e Nação no Brasil: 1838 – 1857*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 101.

⁸⁷ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, nº 1, 1872, p. 24.

⁸⁸ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, nº 2, 1873, p. 18.

⁸⁹ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, nº 2, 1873, p. 12.

pertinentes ao cotidiano de seu Museu, ou a dissolução dessas áreas na seção História e Geografia, ou na seção de título *Diversos*, a quarta em ordem numérica decrescente. Seja qual for a hipótese correta, tal imprecisão nos fornece indícios sobre a concepção de História para esses pesquisadores no limiar da década de 1930.

Outro aspecto dos *oferecimentos* refere-se a um fenômeno esperado. No decorrer dos anos, é possível visualizar a formação de um acervo privilegiado referente e/ou correlacionado a esse território dito alagoano. Poderiam ser folhetos, jornais, volumes de livros, biografias de personalidades ilustres⁹⁰, documentos relativos à administração da província, e/ou mapas que tratassem da descrição desse território, que servirá, inclusive, de argumento político discursivo, alimentando as vontades de verdade, na defesa dos contornos e singularidades de um espaço projetado no plano teórico, a ser acoplado em um dito correspondente real. Analogamente, observou Marilena Chauí, esse *corpus* documental se converte num semióforo, destinado a explicar as origens, como também atribui sentido e significado aos momentos fundadores de uma dada coletividade, no caso, a alagoana.

Um último aspecto dos *oferecimentos* decorre da autoridade sobre esse *corpus* documental, o qual define, julga e concede poder e prestígio a quem os detém e/ou a quem será autorizado a manejá-los no fazer historiográfico. Questão importante quando pensamos ou projetamos novas pesquisas e novas abordagens teóricas, o que em certo sentido possibilita (ou não) renovações no campo historiográfico.

Na *Ordem do Dia* será registrada a presença desses associados nos momentos das reuniões. A ocasião era dividida em três momentos, e ao fim, ocasionalmente, marcava-se a data para futuros encontros⁹¹. Tornará pauta quaisquer questões necessárias ou relativas ao crivo da opinião de todos, aprovadas por decisão da maioria. São exemplos

⁹⁰ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Jornal das Alagoas, vol. 1, n° 1, 1873, pp. 9-25.

⁹¹ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Jun., n° 8, 1876, p. 214.

disso as propostas de admissão de sócios⁹², as eleições e aprovações de orçamento⁹³. Constituem a parte final de um grande ritual a ser seguido durante a reunião.

A última seção da revista, *Necrologia* ou *páginas de saudade*⁹⁴, refere-se a um ritual, característico dos Institutos Histórico e Geográfico, que será refletido sobre o espaço físico tanto da capital quanto dos municípios de Alagoas. Trata-se da exaltação a antigas personalidades ou a seus falecidos sócios. A primeira forma de exortação poderia ocorrer por meio da realização de trabalhos de caráter biográfico ou de discursos, ocasião em que se iniciava um processo de duplo reconhecimento, pois quem reconhecia o valor do *outro*, implicitamente reconhecia-se capaz de identificar e ressaltar tal importância. Essa prática se transformará em tradição, já que muitas vezes o exaltador posteriormente seria transformado em figura exaltada.

Um exemplo desse fato é o caso de João Francisco Dias Cabral, o primeiro a estabelecer um trabalho de caráter biográfico no IAGA, autor de *Notícia acerca da vida do fundador da mesma capella, de Coqueiro-Secco padre Bernardo José Cabral*⁹⁵, que anos depois de sua morte, será homenageado com a realização de sua biografia, pelo então presidente da IHGAL, Abelardo Duarte⁹⁶. A coroação desse processo de culto aos antepassados será observada na nomeação de espaços públicos⁹⁷ e instituições⁹⁸ da cidade marcadas com o nome desses ditos *homens ilustres*, inserindo-se na memória coletiva ou compartilhada da população local.

Esse fenômeno, ao que parece, pressupõe uma identificação *a priori*, pois a força dessa *ressurreição*, em que um autor vivo falará em nome do morto, reside justamente no valor e na força social dos que fazem uso de seus feitos em nome das implicações do presente ou do reconhecimento e do compartilhamento de ideias. Por fim, cabe considerar

⁹² *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Jun., n° 8, 1876, p. 221.

⁹³ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, Dez., n° 9, 1876, p. 251.

⁹⁴ *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano* capa. Maceió, vol. 16, 1932, pp. 81-85.

⁹⁵ Cabral, J. F. D. 1874. *Notícia Acerca da Vida do Fundador da Capella do Coqueiro Secco*. Padre Bernardo José Cabral. In: *Revista Archeologico e Geographico Alagoano*. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, dez, n° 5, pp. 112-117.

⁹⁶ Sant'Ana (de), M. M. 1984. "Dois Historiadores: Craveiro Costa e Dias Cabral". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, vol. 39, pp. 98-101.

⁹⁷ Disponível In: www.google.com.br/maps/place/Rua+Dias+Cabral+. Acessado em 13/8/19.

⁹⁸ Disponível In: google.com.br/maps/placa. Acessado em 13/8/19.

que todos esses elementos colaboram para a criação de uma moldura onde se concentram diversas questões, e em que a construção de uma memória institucional se relaciona intrinsecamente com a produção da História de Alagoas.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao fim deste trabalho é possível afirmar que, por meio de seus representantes, o IHGAL tornou-se, em dois séculos, um dos principais responsáveis por transformar o espaço convencionalmente alagoano em espaço histórico nacional e regional, sobretudo a partir de seu patrimônio documental e historiográfico, inerente a sua condição de *Instituição Oficial de Estado*.

Esse *corpus*, sob a forma escrita, configura-se não só como fonte de conhecimento histórico e científico, mas também como composição de idealizações, demonstrações de erudição, exaltações a personagens ilustres civis ou religiosas, a cidades históricas ou a eventos considerados decisivos para constituição de um espaço geográfico que se chamou de Alagoas, e que graças a seu trabalho se tornariam pertencentes à memória individual e coletiva da população ligada a esse espaço e/ou cultura, sendo lembradas, esquecidas e rememoradas por meio de datas comemorativas no Estado e nos municípios.

Ainda que difusos e desconexos cronologicamente, esses elementos, quando articulados, rumam em direção à criação e à afirmação do Estado-Nação, e dentro dele, de um lócus regional específico – Alagoas –, integrando parte do projeto político iniciado com a criação do IHGB em 1838. Tanto as publicações da Revista quanto as obras de seus associados auxiliaram na tessitura desse processo de construção historiográfica da história do Brasil e de Alagoas.

Em linhas gerais, para além do que já foi dito ao longo deste ensaio, fica evidente em todo o texto que a História enquanto construção científico-narrativa resulta de um inescapável posicionar político, e isso direciona os resultados de qualquer trabalho de pesquisa histórica. Com relação à produção do conhecimento histórico científico acerca de Alagoas, não foi diferente.

Nesse sentido, esta conclusão se materializa numa demonstração de que a historiografia de Alagoas, desde o seu nascedouro até a sua formalização e consolidação,

esteve permeada por relações políticas. Formata-se e instaura-se assim uma visão da historiografia alagoana por meio de sua história, possibilitando a abertura para um conjunto de possibilidades em pesquisas historiográficas.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. 2009 [1843]. “Apresentação”. In: Moura, A. J. **Opúsculo da Descrição Geográfica Topográfica, Phizica, Política e Histórica, do Que Unicamente Respeita à Província das Alagoas no Império do Brazil**. Por Hum Brasileiro. Maceió. Edufal/Cesmac.

ALMEIDA, L. S. 1999. **Os Índios nas Falas e Relatórios Provinciais das Alagoas**. Maceió, EDUFAL.

ALTAVILA, J. 1976 [1933]. **História da Civilização das Alagoas**. 6. ed. Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A.

BARROS, J. D. 2011. **Teoria da História**. Petrópolis, Vozes.

BOURDÉ, G.; MARTIN, H. 1983. **As Escolas Históricas**. Lisboa, Europa-América.

BOURDIEU, P. 2007. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva.

BRANDÃO, M. 1909. **História de Alagoas**, Maceió. Typ e Pautação J. Amorim.

BRANDÃO, T. 2007 [1953]. **O Reisado Alagoano**. Maceió, Edufal.

CABRAL, J. F. D. 1874. “Esboço histórico ácerca da fundação e desenvolvimento da Imprensa nas Alagoas”. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**. Maceió, Typ. Jornal das Alagoas, dez, n° 5, pp. 99-109.

CABRAL, J. F. D. 1874. “Noticia Ácerca da Vida do Fundador da Capella do Coqueiro Secco”. Padre Bernardo José Cabral. In: **Revista Archeologico e Geographico Alagoano**. Maceió, Typ. do Jornal das Alagoas, dez, n° 5, pp. 112-117.

CALLARI, C. R. 2001. “Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à Construção do Tiradentes”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n° 40, pp. 59-83.

CARDOSO, C. F.; Vainfas, R. 1997. **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro, Campus.

CAROATÁ, J. P. J. S. “Chronica do Penedo”. 1872. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**. Maceió, Jornal das Alagoas, n° 1, p. 2-7.

CERTEAU, M. 2013. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro, Forense.

CEZAR, T. A. C. 2004. **Lição sobre a escrita da história: historiografia e nação no Brasil do século XIX. Diálogos: revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. PR.** vol. 8, n. 1, p. 11-29.

COSTA, A. C. L. 2015. **Maceió Medúscica: uma Interpretação Histórica das Imagens da Diáspora de Intelectuais Alagoanos na Literatura – 1930-1940.** Maceió, Edufal.

COSTA, C. 1983 [1929]. **História das Alagoas: Resumo Didático.** Maceió, Serviços Gráficos de Alagoas S.A.

DIÉGUES JÚNIOR, M. 2012 [1949]. **O Banguê nas Alagoas: Traços da Influência do Sistema Econômico do Engenho de Açúcar na Vida e na Cultura Regional.** Maceió, Edufal.

DUARTE, A. 2010 [1974]. **Folclore Negro das Alagoas. Áreas da Cana-de-Açúcar: Pesquisa e Interpretação.** Maceió, Edufal.

FICO, C.; Polito, R. 1992. **A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma Avaliação Historiográfica.** Ouro Preto, UFOP.

FONSECA, J. S. 1876. “Origem de Alguns Nomes Patronímicos da Província das Alagoas”. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.** Maceió, n° 8, pp. 197-199.

ESPÍNDOLA, T. B. 2001 [1871]. **Geografia alagoana, ou Descrição física, política e histórica da Província das Alagoas.** Maceió, Edições Catavento.

FREITAS, M. C. 1998. **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo, Contexto.

GUIMARÃES, M. L. S. 2011. **Historiografia e Nação no Brasil: 1838-1857.** Rio de Janeiro, EdUERJ.

HARTOG, F. 2003. **O Século XIX e a História: O Caso Fustel de Coulanges.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

PROST, A. 2008. **Doze lições sobre a história.** Belo Horizonte, Autêntica Editora.
Hobsbawm, E. 1990. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra.

HRUBY, H. 2007. **Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no preparo da grande obra: A História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912).** Porto Alegre.

JORGE, A. A. 1901. “Noticias sobre os povos indigenas que estacionavam no territorio do actual Estado das Alagoas ou costumavam trazer a suas plagas repetidas correrias.” In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.** Maceió, Typ. T. de Menezes & Filho, vol. 3, n° 1, pp. 67-84.

LAPA, J. R. A. 1985. **HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: BRASIL PÓS 64**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LEITE E OITICICA. 1915. “Memorial Biographico do Commendador José Rodrigues Leite Pitanga – Primeiro Período (1822 – 1832)”. In: **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**, Maceió, Typ. da Livraria Fonseca, vol. 6, pp. 140-204.

LINDOSO, D. 1983. **A Utopia Armada: Rebeliões de Pobres nas Matas do Tombo Real**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LINDOSO, D. 2005. **A Interpretação da Província: Estudos da Cultura Alagoana**. Maceió, EDUFAL.

MACIEL, O. B. A. 2004. **Filhos do Trabalho, Apóstolos do Socialismo: Os Tipógrafos e a Construção de uma Identidade de Classe em Maceió (1895/1905)**. Dissertação de Mestrado, História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

MALERBA, J. 2006. **História Escrita: Teoria e História da Historiografia**. São Paulo, Contexto.

MARQUES DA SILVA, E.; CONCEIÇÃO DOS SANTOS, R. M. 2008. **A Institucionalização do Ensino Secundário no Império em Alagoas – O Percorso do Liceu Provincial (1849-1900)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Pedagogia, Centro de Educação da Universidade federal de alagoas.

MELO, A. C.; Silva, F. M.; Altavila, J. L. 2008. **Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: Dados Históricos**. Maceió, Imprensa Oficial.

ODALIA, N. 1997. **As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiografia de Varnhagen e Oliveira Vianna**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.

RECENSEAMENTO DO BRAZIL EM 1872 – ALAGÔAS. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger e Filhos, vol. 1, 1876.

REIS, J. C. 1999. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro. FGV.

RODRIGUES, J. H. 2008 [1978]. **História e historiografia**. Petrópolis, Vozes.

RODRIGUES, J. H. 1978. **A Pesquisa Histórica no Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional.

RÜSEN, J. 2015. **Teoria da história: uma teoria da história como ciência**. Curitiba, Editora UFPR.



SANCHEZ, E. C. T. 2003. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Um Periódico na Cidade Letrada Brasileira do Século XIX**. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo.

SANT'ANA (de), M. M. 1984. "Dois Historiadores: Craveiro Costa e Dias Cabral". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**. Maceió, vol. 39, pp. 98-101.

SANT'ANA (de), M. M. 1987. **História da Imprensa em Alagoas**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas.

SCHWARCZ, L. M. 1993. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo, Cia das Letras.

SILVEIRA, D. O. 2008. "**O Passado Está Prenhe do Futuro**": A Escrita da História no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30). (Dissertação Mestrado História), Porto Alegre.

TAVARES, G. G. 2000. A Trajetória de Uma "Casa de Saber": **O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1930-1970)**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.

TENÓRIO, D. A. 2009. **Metamorfose das Oligarquias**. Maceió, Edufal.